EXPRESSO ZAHAR

Uma tragédia grega

PROMETEU ACORRENTADO

Ésquilo

ÉSQUILO

PROMETEU ACORRENTADO

Tradução do grego

MÁRIO DA GAMA KURY

SUMÁRIO

Ésquilo: PROMETEU ACORRENTADO

Introdução

Tradução

Notas

ÉSQUILO

PROMETEU ACORRENTADO

INTRODUÇÃO

O AUTOR

Ésquilo, o mais antigo dos três grandes dramaturgos gregos e criador da tragédia em sua forma definitiva, nasceu em Elêusis, nas proximidades de Atenas, em 525 ou 524 a.C.; combateu nas batalhas de Maratona e Salamina contra os invasores persas de sua pátria, e morreu no ano de 456 a.C.

Escreveu cerca de 90 peças, das quais restam completas *As suplicantes*, encenada em data incerta (entre 499 e 472 a.C.); *Os persas*, representada em 472 a.C.; *Os sete chefes contra Tebas* (em 467 a.C.); o *Prometeu acorrentado* (data incerta, provavelmente próxima ao ano de estreia da *Oréstia*); o *Agamêmnon*, as *Coéforas* e as *Eumênides* (que compõem a trilogia conhecida como *Oréstia*), representadas pela primeira vez em 458 a.C., todas estreadas em Atenas.

A OBRA

Além da peça ora traduzida, Ésquilo escreveu duas outras sobre o mesmo tema: *Prometeu portador do fogo* e *Prometeu libertado*, das quais nos restam apenas fragmentos.

A ação do *Prometeu acorrentado* transcorre numa região desolada da Cítia (veja-se a nota 1 à tradução), Hefesto (o deus do fogo), o Poder e a Força, divindades auxiliares de Zeus, chegam arrastando o titã Prometeu, vítima da ira deste último deus. Hefesto prega-o num rochedo, observado pelo Poder, que vigia o deus do fogo, constrangido com sua missão, e o anima com a alegação de que Prometeu se rebelara contra a vontade divina com o intuito de ajudar a humanidade primitiva. Cumprida a missão, Hefesto, o Poder e a Força retiram-se abandonando Prometeu em sua agonia solitária. Rompendo o silêncio, o titã filantropo proclama a sua indignação diante do céu, do mar e da terra em sua volta. Este monólogo cessa quando se ouve um ruído de asas e em seguida aparecem as Oceanides, ninfas do mar que constituem o coro, despertadas pelo ruído do martelo contra os cravos quando Hefesto prendia o titã ao rochedo. Elas tentam animar Prometeu, que lhes conta como Zeus, graças a ele, conseguiu derrotar os outros titãs e tornar-se o novo soberano dos deuses. Isto feito, Zeus consolidou seu poder absoluto e resolveu destruir a humanidade para criar uma nova raça. Prosseguindo em sua narração Prometeu diz que, por amor às criaturas humanas, conseguiu salvá-las da destruição e lhes deu o fogo por ele roubado do céu, permitindo assim o início da civilização.

Aparece então Oceano, pai das Oceanides, um titã que se manteve afastado do conflito com Zeus. Ele deseja ver Prometeu livre de seus grilhões, e o aconselha a curvar-se diante do novo soberano. O prisioneiro ouve polidamente o conselho mas não o aceita. O visitante retira-se, enquanto o coro comenta as lamentações de todos os mortais por causa do suplício de seu protetor. Em seguida Prometeu relembra as artes por ele inventadas para aliviar as misérias da condição humana. O coro pergunta se o titã acorrentado tem esperanças de libertar-se, e ele menciona vagamente uma possível queda de Zeus. Em seguida, celebra o poder soberano dos deuses e demonstra estranheza diante da obstinação de Prometeu. Aparece então Io, uma mortal

amada por Zeus, e, a pedido do coro, Prometeu revela o estranho infortúnio da moça: diante das investidas amorosas de Zeus contra ela, Hera, mulher dele, transformou Io em novilha e mandou que um moscardo passasse a segui-la por todos os caminhos da terra, picando-a incessantemente. Prometeu profetiza a continuação de suas caminhadas errantes, que iriam terminar no Egito, e fala com maior clareza na queda de Zeus, narrando ainda as andanças passadas de Io, concluindo com a profecia de que no Egito ela daria à luz um filho de Zeus chamado Épafo. Prosseguindo, Prometeu revela que um arqueiro corajoso (Heraclés) o libertaria depois de decorridas várias gerações. Repentinamente, num acesso de desespero, Io sai correndo. O coro canta os perigos oriundos das uniões de mortais com divindades. Prometeu reitera sua previsão de que Zeus será destronado por um filho dele.

Entra em cena Hermes, o deus mensageiro de Zeus, pedindo ao infeliz titã para revelar-lhe o segredo fatídico em relação à queda de Zeus. Tratado desdenhosamente por Prometeu, Hermes anuncia-lhe torturas ainda mais cruéis: a águia que devoraria a cada dia seu fígado, que se recomporia também diariamente, e um cataclismo que o lançaria no Hades. As Oceanides insistem para que Prometeu se submeta a Zeus, mas quando Hermes anuncia que se não se afastassem do titã elas também sofreriam, negam-se altivamente a dar-lhe ouvidos. Ocorre, então, o cataclismo, durante o qual Prometeu desaparece juntamente com as Oceanides.

Como se pode observar no resumo acima, todos os personagens da tragédia, à exceção de Io, são divindades. Esta peculiaridade ocorre apenas no *Prometeu acorrentado* entre todas as tragédias gregas chegadas até nossos dias.

Do pouco que se conhece do *Prometeu libertado* graças a fragmentos da tragédia perdida (a última da trilogia e continuação do *Prometeu acorrentado*), fica-se sabendo que Heraclés, descendente de Io, mata a águia que devorava incessantemente o fígado de Prometeu. Em seguida convence o centauro Quíron a morrer no lugar do titã e persuade este a reconciliar-se com Zeus, que se comprometeu a libertá-lo se revelasse o segredo de seu casamento fatídico. Tomando conhecimento dessa ameaça, Zeus não se casa com a ninfa Tétis, a mais bela das Nereides e neta de Oceano, e a induz a casar-se com Pelias; destas núpcias nasce Aquiles.

O *Prometeu acorrentado* é a última peça conservada da chamada "tragédia mais antiga" no teatro grego. Com efeito, o andamento da tragédia se concentra no personagem-título; a função dos demais personagens limita-se a acentuar a grandeza de Prometeu e seu destino cruel. Ésquilo circunscreve seu esforço a fazer um drama praticamente sem ação, e nos sentimos ainda longe das peças da *Oréstia*, para não falar nas tragédias de Sófocles e de Eurípides. Poder-se-ia definir essa diferença repetindo a frase de H.D.P. Kitto em sua obra *Greek Tragedy* (página 86): "[No *Prometeu acorrentado*] Ésquilo dramatiza as emoções e não os eventos."

Provavelmente a chave para o melhor entendimento da tragédia é o nome de seu personagem principal: o progresso da humanidade se deveu à capacidade dos homens de "pensar antes de fazer" (literalmente *Prometheus* significa "aquele que pensa antes"). Esta chave torna mais compreensível o longo discurso de Prometeu sobre o bem que ele fez à humanidade em seus primórdios (versos 560-653).

Entretanto, apesar de seu arcaísmo o *Prometeu acorrentado* tem atraído a atenção e a admiração de imitadores, leitores e espectadores através dos séculos. Basta apontar, entre

outros exemplos, o *Prometheus Unbound* de Shelley, que é uma grandiosa amplificação dos aspectos espiritual e material da peça de Ésquilo, e a primeira parte do *Paradise Lost* de Milton, uma reminiscência constante do *Prometeu acorrentado*.

Entre as obras deixadas inacabadas por Goethe há um *Prometeu*. Ainda na atualidade é praticamente unânime a admiração dos críticos e dos leitores pelo *Prometeu* de Ésquilo, em contraste com a frieza entre os literatos franceses da época de Voltaire.

Embora evitando uma linguagem empolada, procuramos manter em português a grandiosidade também verbal que a própria peça tem no original, decorrência lógica da condição divina dos personagens.

Para nossa tradução servimo-nos principalmente do texto editado por Gilbert Murray (Oxford, Clarendon Press, reedição de 1955).

Época da ação: os primórdios da humanidade.

Local: região desolada na Cítia.

Primeira representação: aproximadamente em 458 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

PROMETEU, um titã filho de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra), ou de Urano e Têmis

HEFESTO, deus do fogo

PODER
FORÇA } divindades auxiliares de Zeus

CORO das Oceanides, filhas de Oceano

OCEANO, deus dos mares que circundam a terra

IO, filha do rei Ínaco, amada por Zeus e perseguida por Hera

HERMES, deus arauto dos deuses

Cenário

Ao fundo, um maciço rochoso. Entram PODER *e* FORÇA *arrastando* PROMETEU, *seguidos por* HEFESTO, *mancando e levando seus instrumentos de ferreiro.*

PODER

Aqui estamos nós, neste lugar remoto,
marchando num deserto pelo chão da Cítia[1]
onde nenhuma criatura humana vive.
Pensa somente, Hefesto,[2] nas ordens de Zeus,
teu pai, e em acorrentar nestas montanhas
de inacessíveis píncaros um criminoso
com cadeias indestrutíveis de aço puro.
Ele roubou teu privilégio, o fogo rubro
de onde nasceram todas as artes humanas,
para presenteá-lo aos mortais indefesos.
É hora de pagar aos deuses por seu crime
e de aprender a resignar-se humildemente
ao mando soberano de Zeus poderoso,
deixando de querer ser benfeitor dos homens.

HEFESTO

Aqui findou, Poder e Força, esta missão
atribuída a vós por Zeus; já a cumpristes
e nada mais agora vos retém aqui.
Quanto a mim mesmo, sinto que me falta o ânimo
para prender, usando a violência, um deus,
um imortal e, mais ainda, meu irmão,
neste cume batido pelas tempestades.
De minha parte, devo encher-me de coragem
para a missão, pois negligenciar as ordens

de um pai é falta cuja punição é dura.

Dirigindo-se a PROMETEU.

És muito audaz em todos os teus pensamentos,
filho da sábia Têmis, e contrariando
as minhas intenções e as tuas vou pregar-te
nesta isolada rocha, longe dos caminhos,
com elos inflexíveis de aço indestrutível.
Aqui não poderás ouvir a voz dos homens
nem ver a imagem deles e, sempre queimado
pelo fogo inclemente do sol flamejante,
terás a flor da pele escura e ressecada;
por toda a eternidade verás com alívio
a noite recobrindo a esplendorosa luz
com seu imenso manto repleto de estrelas,
e por seu turno o sol evaporar na aurora
o orvalho gélido, sem que a pungente dor
de um mal perenemente vinculado a ti
descuide-se de corroer a tua carne,
pois teu libertador ainda não nasceu.
Eis tua recompensa por haver querido
agir como se fosses benfeitor dos homens.
Deus descuidoso do rancor dos outros deuses,
quiseste transgredir um direito sagrado
dando aos mortais as prerrogativas divinas;
e como recompensa permanecerás
numa vigília dolorosa, sempre em pé,
sem conseguir dormir nem dobrar os joelhos.
Terás tempo bastante aqui para externar
teus gemidos sem fim e vãs lamentações;
é sempre duro o coração dos novos reis.[3]

PODER

Agora ajamos sem demora e sem queixumes.
Não abominas o deus amaldiçoado
entre todos os deuses, que ousou entregar
teus privilégios aos efêmeros mortais?

HEFESTO

São fortes, muito fortes, os laços de sangue,
principalmente quando juntam-se à afeição.

PODER

Concordo, Mas é menos temerário, Hefesto,
deixar de obedecer às ordens de teu pai?

HEFESTO

Tua ousadia iguala a tua crueldade!

PODER

Nossas lamentações não poderão salvá-lo;
não te fatigues gemendo por coisa alguma.

HEFESTO

Nossa missão é realmente detestável!

PODER

É inútil maldizê-la. Com toda a franqueza,
o teu ofício não é causa destes males.

HEFESTO

Ah! Se o céu permitisse, de qualquer maneira,
que esta missão coubesse a outra divindade!

PODER

Todos temos a sorte predeterminada;
a única exceção é Zeus, o rei dos deuses.
Somente ele é livre entre imortais e homens.

HEFESTO

Eu mesmo vejo e nada tenho a ponderar.

PODER

Então apressa-te a cravá-lo no rochedo.
Que Zeus não veja a tua hesitação aqui!

HEFESTO

Ele já pode ver-me com cravos nas mãos.

PODER

Põe a corrente nos pulsos deste rebelde;
depois usa o martelo e prende-o ao rochedo,
malhando logo com todas as tuas forças.

HEFESTO

Tudo está sendo feito sem qualquer descaso.

PODER

Malha mais forte! Aperta! Não deve haver folga!
Ele é capaz até de feitos impossíveis.

HEFESTO

Prendi um braço; ele não poderá soltá-lo.

PODER

Agora o outro! Vê se o pregas para sempre!
Ele deve ficar sabendo muito bem
que sua astúcia não se sobrepõe a Zeus!

HEFESTO

Só ele pode censurar a minha obra.

PODER

Sem perder tempo, enfia resolutamente
no meio de seu peito, como te compete,
o dente muito duro deste cravo de aço!

HEFESTO

Sofro em surdina por teus males, Prometeu!

PODER

Hesitas e até gemes por um inimigo
de Zeus. Dou-te um conselho: deves ter cuidado
para não te queixares mais e por ti mesmo!

HEFESTO

Vês o que os olhos nunca deveriam ver!

PODER

Ele está tendo a sorte merecida. Vamos!
Lança o cinto de bronze em volta de seus flancos!

HEFESTO

Sou constrangido a isto; não me dês mais ordens.

PODER

Tenho de dar-te outras. Não terás repouso.
Abaixa-te e ata à força os tornozelos dele!

HEFESTO

Pronto! Está feito e sem maior esforço meu.

PODER

Agora aperta ainda mais para que a peia
penetre em sua carne. O avaliador
do cumprimento de nossa missão é duro.

HEFESTO

Tuas palavras correspondem a teu físico.

PODER

Sê fraco, se te agrada, mas não me censures
se te pareço impiedoso e exigente.

HEFESTO

Partamos, pois seus membros estão todos presos.

PODER

Dirigindo-se a PROMETEU.

Sê insolente agora à tua maneira
e rouba aos deuses todos os seus privilégios
para entregá-los às criaturas efêmeras!
Que alívio poderão trazer-te os frágeis homens?
Chamando-te de Prometeu[4] os deuses erram;
vai procurar em outra parte quem prometa
livrar-te desta obra bem executada!

Saem o PODER, a FORÇA e HEFESTO.

PROMETEU

Agitado.

Éter divino, ventos de asas lépidas,[5]
águas de tantos rios, riso imenso
das vagas múltiplas dos mares, Terra,
mãe de todos os seres, e tu, Sol
onividente olho, eu vos invoco!

Notai os males que eu, um deus, suporto,
mandados contra mim por outros deuses!
Vede as injúrias que hoje me aniquilam
e me farão sofrer de agora em diante
durante longos, incontáveis dias!
Eis os laços de infâmia, imaginados
para prender-me pelo novo rei
dos Bem-aventurados! Ai de mim!
Os sofrimentos que me esmagam hoje
e os muitos ainda por vir constrangem-me
a soluçar. Depois das provações
verei brilhar enfim a liberdade?

Reanimado, depois de alguns momentos de silêncio.

Mas, que digo? Não sei antecipadamente
todo o futuro? Dor nenhuma, ou desventura
cairá sobre mim sem que eu tenha previsto.
Temos de suportar com o coração impávido
a sorte que nos é imposta e admitir
a impossibilidade de fazermos frente
à força irresistível da fatalidade.
Subjugam-me estes males todos — ai de mim! —
por ter feito um favor a todos os mortais.
Em certa ocasião apanhei e guardei
na cavidade de uma árvore[6] a semente
do fogo roubado por mim para entregar
à estirpe humana, a fim de servir-lhe de mestre
das artes numerosas, dos meios capazes
de fazê-la chegar a elevados fins.
Agora, acorrentado sob o céu aberto,
pago a penalidade pela afronta a Zeus!

Novamente agitado.

Ah! Que ruído, que perfume evola-se
de algum lugar oculto e chega a mim?
Vem ele de algum deus, ou de mortais,
ou de qualquer mistura de um e outros?
Vêm a este rochedo, fim do mundo,
contemplar os meus males? Ou então,
que desejam deste infeliz, de mim?
Vedes um deus desventurado, preso
por cravos de aço que o imobilizam,
detestado por Zeus, seu inimigo,
por haver amado demais os homens!

Atento.

Ouço perto de mim cantos de pássaros.
O claro éter responde silvando
a movimentos bruscos de asas rápidas!
Qualquer ruído estranho agora assusta-me.

Chega um carro alado a um rochedo próximo àquele onde PROMETEU *está acorrentado, trazendo as Oceanides que formam o* CORO.

CORO

Nada receies, pois estão chegando
a esta solidão amigas tuas
trazidas, como vês, por asas céleres.
Nossas palavras afinal venceram
a vontade paterna, e ventos lépidos
trouxeram-nos depressa até aqui.
Os repetidos choques estridentes
do ferro sobre o ferro, penetrando
até o fundo de nossa morada
afastaram de nós a timidez

de nosso olhar pudico, e de pés nus
voamos para cá num carro alado.

PROMETEU

Ah! Descendentes da fecunda Têtis,[7]
vós, filhas do Oceano cujo curso,
imune ao sono, eternamente move-se
em torno da terra descomunal!
Vede, donzelas, observai os cravos
que me mantêm pregados a esta rocha
por cima de um precipício sem fim,
onde devo permanecer desperto
numa vigília que ninguém inveja!

CORO

Estamos vendo, Prometeu, e sobe
aos nossos olhos já cheios de lágrimas
a densa névoa devida ao temor,
quando enxergamos sobre este penhasco
teu corpo cruelmente ressecado,
preso por estes elos infamantes.
Senhores novos mandam lá no Olimpo;
impondo novas leis Zeus já exerce
poderes absolutos e destrói
a majestade das antigas leis.

PROMETEU

Por que ele não me precipitou
nos abismos da terra, em profundezas
ainda mais remotas que as do Hades
acolhedor dos mortos, lá no Tártaro?[8]
Por que me expôs ao horrível contato

de laços nunca, em tempo algum desfeitos,
para que deuses e outras testemunhas
se deleitassem com minha agonia,
eu que, joguete de todos os ventos,
desventurado, sofro sem remédio
para alegria de meus inimigos?

CORO

Que deus seria tão cruel a ponto
de achar aqui motivos de alegria?
Quem não se indignaria, como nós,
com teu destino, à exceção de Zeus?
Com seu rancor, tornando sua alma
totalmente inflexível, ele quer
domar a raça de Urano[9] antiquíssimo,
e em sua ira não se deterá
enquanto não conseguir saciar
seu coração, ou graças, finalmente,
a um golpe feliz, um outro deus
tiver a sorte de se apoderar
desse trono difícil de ocupar.

PROMETEU

Deveis ouvir, então, meu juramento:
o dia há de chegar, sem qualquer dúvida,
em que apesar de eu estar humilhado
nestes grilhões brutais, o novo rei
dos imortais terá necessidade
de minha ajuda, se quiser saber
a sorte obscura que o despojará
de suas honrarias e seu cetro;

então, juro que nem os sortilégios
de uma eloquência feita inteiramente
de palavras de mel, conseguirão
dobrar-me graças a encantamentos,
nem o terror de rudes ameaças
me fará revelar-lhe meu segredo,[10]
a não ser que ele mesmo já tivesse
desfeito as amarras impiedosas
e consentido em me pagar o preço
devido justamente pelo ultraje.

CORO

És destemido e nem sequer te abates
diante destes muitos sofrimentos
que te amarguram, e até te comprazes
em dar excessiva licença à língua.
Mas nosso espírito está inquieto,
pois um temor pungente dominou-nos
e estamos todas aterrorizadas
com teu cruel destino, quanto ao porto
onde pretendes ancorar teu barco
para ver afinal o termo incerto
desta viagem por demais penosa.
De fato, os meios usados por Zeus,
filho de Cronos, são inexoráveis;
seu coração é duro e insensível
e não conhece a conciliação.

PROMETEU

Sei que ele é intratável e feroz
e faz justiça com as próprias mãos;

mas com certeza chegará o dia
de ele afinal mostrar suavidade,
quando for atingido pelo golpe
a que me referi há pouco tempo.
Na hora inevitável, acalmando
a ira pertinaz, ele sem dúvida
aceitará minha amizade e ajuda,
pois também estarei impaciente
depois de sua longa intolerância.

CORIFEU

Revela-nos detalhes e responde logo
à minha primeira pergunta: qual a queixa
alegada por Zeus para te acorrentar
e infligir-te este ultraje ignominioso,
insuportavelmente amargo? Dize agora,
se a narração não for muito penosa.

PROMETEU

Falar-te disso é doloroso para mim,
mas calar-me também me causa muitas dores,[11]
pois onde estou existe apenas desespero.
No instante mesmo de chegar a indignação
ao coração dos deuses, enquanto a discórdia
crescia entre eles — uns nutrindo a ideia
de expulsar Cronos de seu trono cobiçado
para que Zeus o sucedesse no poder,
outros lutando para que Zeus não reinasse
sobre todos os imortais sem exceção —,
achei conveniente dar conselhos sábios
aos divinos titãs, filhos de Urano e Gaia,[12]

mas fui malsucedido. Desdenhando a astúcia
e preferindo a presunçosa força bruta,
em sua estupidez eles imaginaram
que não lhes custaria muito sofrimento
conquistar a vitória pela violência.
Quanto a mim mesmo, em várias oportunidades
minha mãe venerável — sim, Têmis ou Gaia
(a mesma deusa, mas com nomes diferentes) —,
me revelara em vaticínios o porvir:
caberia a vitória a quem prevalecesse
não pela força e violência, mas apenas
pela suave astúcia. Tentei explicar
a meus irmãos titãs com fortes argumentos,
mas nenhum deles se dignou sequer de olhar-me.
Naquela conjuntura pareceu-me logo
que seria melhor ter minha mãe por mim,
tomando o partido de Zeus, que de bom grado
me recebeu como aliado. Só por isso
e graças a meus planos, hoje um negro antro
do Tártaro profundo oculta para sempre
o muito antigo Cronos com os seus prosélitos.
Eis os serviços que prestei naquele tempo
ao rei dos deuses, e dele recebo agora
a mais cruel das recompensas, como vedes.
Desconfiar até de amigos é sem dúvida
um mal inerente ao poder ilimitado.
Quanto à tua pergunta propriamente dita,
respondo-te: depois de sentar-se no trono
de seu pai Cronos, Zeus distribuiu aos deuses
os diferentes privilégios e cuidou

de definir as suas atribuições.
Mas nem por um fugaz momento ele pensou
nos mortais castigados pelas desventuras.
O seu desejo era extinguir a raça humana
a fim de criar outra inteiramente nova.[13]
Somente eu, e mais ninguém, ousei opor-me
a tal projeto impiedoso; apenas eu
a defendi; livrei os homens indefesos
da extinção total, pois consegui salvá-los
de serem esmagados no profundo Hades.[14]
Por isso hoje suporto estas dores cruéis,
dilacerantes até para quem as vê.
Por ter-me apiedado dos frágeis mortais
negam-me os deuses todos sua piedade
e estou sendo tratado de modo implacável,
num espetáculo funesto até a Zeus!

CORIFEU

Em minha opinião, quem não se revoltasse
com tua imensa desventura, Prometeu,
teria um coração de pedra ou de ferro.
Quanto a mim mesma, eu teria preferido
nunca presenciar este triste espetáculo,
pois vendo-o minha alma se condói e sofre.

PROMETEU

Comove a visão que ofereço a meus amigos.

CORIFEU

Foste mais longe ainda em tuas transgressões?

PROMETEU

Fui, sim, livrando os homens do medo da morte.

CORIFEU

Descobriste um remédio para esse mal?

PROMETEU

Pus esperanças vãs nos corações de todos.

CORIFEU

Assim agindo, deste-lhes grande consolo.

PROMETEU

Inda fiz mais: dei-lhes o fogo de presente.

CORIFEU

Então o fogo luminoso, Prometeu,
está hoje nas mãos desses seres efêmeros?

PROMETEU

Com ele aprenderão a praticar as artes.

CORIFEU

Foram essas as queixas que levaram Zeus…

PROMETEU

…a infligir-me este tormento sem alívio!

CORIFEU

Teu infortúnio não terá limite, então?

PROMETEU

Nenhum; tudo depende dos caprichos dele.

CORIFEU

De que resultam seus caprichos? Inda esperas?

Não percebes que erraste? Tens noção do erro?
Eu não teria a mínima satisfação
em dar-te a minha opinião, e se a ouvisses
por certo sofrerias com minhas palavras.
Mas já falei demais; procura qualquer meio
de te livrares desta provação, coitado!

PROMETEU

Dirigindo-se a todo o Coro.

Mas, para quem não sente em sua própria carne
todo este sofrimento, é fácil ponderar
e censurar. Eu esperava tudo isto;
foi consciente, consciente sim, meu erro
— não retiro a palavra. Por amor aos homens,
por querer ajudá-los, procurei, eu mesmo,
meus próprios males. Nunca, nunca imaginei,
porém, que minhas provações implicariam
em ressecar-me para sempre nestas rochas
e que teria por destino ficar só
neste cume deserto para todo o sempre.
Sem lamentar demais minhas dores presentes,
convido-vos a pisar neste chão de pedra
para melhor ouvir os meus males futuros;
assim sabereis tudo, do princípio ao fim.
Cedei à minha súplica! Compadecei-vos
de quem está sofrendo agora; a desventura
não discrimina; segue seu percurso errático,
pousando sobre uns e depois sobre outros.

CORO

Não fizeste um apelo, Prometeu,

a criaturas frias, relutantes.
Com pés ligeiros abandonaremos
o nosso carro aos ímpetos velozes
do éter, rota sagrada dos pássaros,
e desceremos neste solo áspero;
queremos conhecer teus sofrimentos
até o fim, sejam eles quais forem.

Enquanto as Oceanides do CORO *descem do carro alado, aparece o carro de* OCEANO[15] *puxado por um grifo.*[16]

OCEANO

Para vir hoje a teu encontro, Prometeu,
tive de percorrer uma longa distância,
trazido por este monstro de asas velozes,
sem brida, dirigido por minha vontade.
Fica sabendo que teus males me comovem.
O parentesco, em minha opinião, influi,
e muito, em nós, e ocupas a parte maior
no meio de meu coração. Perceberás
toda a sinceridade de minhas palavras,
pois desconheço todas as lisonjas vãs.
Anima-te! Indica-me qual o apoio
que posso oferecer-te, pois nunca terás
amigo mais sincero e certo que Oceano.

PROMETEU

Chegaste para ver também o meu suplício?
Ousaste, então, abandonar o rio imenso[17]
ao qual deste o teu nome e as muitas cavernas
feitas nas rochas pela própria natureza,
para vir até esta região inóspita

onde nasceu o ferro? Por acaso vens
para ser testemunha de minha desdita,
para te constrangeres com meus grandes males?
Observa bem este espetáculo pungente.
Eu, colaborador, eu, amigo de Zeus,
que o ajudei a instaurar-se no poder,
estou agora aqui, diante de teus olhos,
sofrendo esta agonia a que ele me sujeita!

OCEANO

Sim, estou vendo, Prometeu, e quero dar-te
o único conselho útil nesta hora,
por mais decepcionado que possas estar;
conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te
aos duros fatos, lança mão de novos modos,
pois um novo senhor comanda os deuses todos.
Se lhe diriges estas palavras cortantes,
Zeus pode ouvir-te, embora esteja entronizado
no mais longínquo e mais alto dos lugares,
e o rancor que te faz sofrer neste momento
em breve te parecerá mero brinquedo
nas mãos de uma criança. Pensa, infortunado!
Esforça-te por esquecer a tua cólera
e trata de livrar-te desses teus tormentos!
Estas minhas palavras talvez te pareçam
apenas velharias; seja como for,
recebes simplesmente a retribuição
às tuas falas muito altivas. Na verdade,
inda não aprendeste a mostrar humildade,
nem a curvar-te, como deves, e pretendes
somar a teus males presentes novos males.

Se tirares proveito de minha lição,
deixarás de espumar agrilhoado aqui.
Pondera que se trata de um monarca rude,
que não tem contas a prestar de seu poder.
Ainda mais: enquanto pretendo livrar-te
dos sofrimentos que te abatem, aquieta-te,
dá uma trégua a teus discursos violentos.
Ignoras, tu, cujo intelecto é tão sutil,
que as línguas atrevidas recebem castigo?

PROMETEU

Invejo-te, Oceano, por ver-te seguro
depois de haver participado da revolta
e ousado tanto quanto eu;[18] esquece já
teus bons propósitos; para de pensar neles
e vai embora logo; por mais que te empenhes
não poderás persuadir o novo rei;
ele se faz de surdo a quaisquer argumentos.
Sê cauteloso; poderão prejudicar-te
as tentativas que fizeres junto a Zeus.

OCEANO

Dás melhores lições aos outros que a ti mesmo;
julgo por fatos, e não por simples palavras.
Já vou partir de volta; não tentes reter-me.
Procurarei ter forças para obter de Zeus
a graça de livrar-te de teus sofrimentos.

PROMETEU

Sarcasticamente.

Muito obrigado! Nunca mais te esquecerei;
são persistentes tuas boas intenções.

Mas não te molestes por isso; teus esforços
para ajudar-me agora seriam inúteis
se realmente pretendias exercê-los.
Fica tranquilo e mantém-te sempre afastado
de minhas amarguras. Eu não gostaria
de ver reveses afligindo meus amigos
somente por causa de meus padecimentos.
Não; já sofro bastante com a má sorte de Atlas,
meu próprio irmão, que, para os lados do poente,
sustenta sobre os ombros a coluna imensa
erguida para separar o céu da terra,
fardo penoso para os braços que o levantam.
Senti também a piedade dominar-me
no dia em que vi o pobre filho da Terra
outrora morador nas grotas da Cilícia,
monstro terrível dotado de cem cabeças,
Tifeu fogoso, finalmente subjugado.
Soprando só terror pela boca espantosa,
ele desafiou sozinho os deuses todos;
saía de seus muitos olhos, em relâmpagos,
uma luz fulgurante que prenunciava
sua resolução de abater pela força
todo o poder de Zeus. Mas caiu sobre ele
o dardo sempre alerta do senhor dos deuses,
que apenas ele atira num sopro de fogo.
Do alto de sua jactância insolente
Zeus derrubou-o; atingido mortalmente
em pleno coração, ele viu sua força
ser reduzida a nada por um raio ígneo.
Com seu corpo estendido, inerte, ele jaz

perto de um estreito marítimo, esmagado
pelas raízes do alto Etna enquanto Hefesto,
de suas culminâncias, em seu ofício,
bate o ferro abrandado pelas brasas rubras.
De lá um dia correrão rios de fogo,
prestes a destruir com seus dentes selvagens
os campos planos da Sicília — tão grande
será a força do rancor efervescente
que, nos incandescentes dardos infalíveis
de uma devoradora tempestade fúlgida,
Tifeu ainda exalará mesmo desfeito
em brasas pelo raio fogoso de Zeus!
Mas não és inexperiente e não requeres
minhas lições. Salva-te! É fácil para ti!
Quanto a mim mesmo, vou curvar-me ao meu destino
até Zeus mitigar o seu ressentimento.

OCEANO

Não sabes, Prometeu, que as palavras são médicos
capazes de curar teu mal, este rancor?[19]

PROMETEU

Quando se percebe o momento em que é possível
enternecer o coração, e não se tenta
curar à força rancores que já são chagas.

OCEANO

Não tens meios de ver um castigo atrelado
à arrogância temerária? Esclarece-me!

PROMETEU

Perdemos tempo conversando ingenuamente.

OCEANO

Se isso é um mal, quero ser um doente dele;
Agrada-me parecer tolo por ser bom.

PROMETEU

Esta deficiência parecerá minha.

OCEANO

Tuas palavras soam como despedida.

PROMETEU

Receias que, lamentando minha desdita,
venhas a conquistar um inimigo novo?

OCEANO

O recém-entronado todo-poderoso?

PROMETEU

Sim, ele mesmo; não irrites o seu ânimo.

OCEANO

Sirva-nos de lição a tua desventura.

PROMETEU

Afasta-te daqui; mantém estes propósitos.

OCEANO

Já vou; teu conselho condiz com minha pressa.
Meu pássaro quadrúpede percorrerá
suavemente os ares com as asas largas
para chegar de volta ao conhecido abrigo.

Sai o carro de OCEANO. *As Oceanides do* CORO *começam a cantar.*

CORO

Choramos o destino que te traz
a proscrição, sofrido Prometeu.
As lágrimas vindas de nossos olhos,
tão comovidas, cobrem, incessantes,
com suas ondas nossas tristes faces.
Eis os duros decretos pelos quais,
erigindo seus caprichos em leis,
Zeus quer impor aos deuses mais antigos
o seu império cheio de arrogância.
Destas paragens ermas já se eleva
um clamor de gemidos e seus povos
sofrem demais por causa da grandeza
e do prestígio mais velho que o tempo
roubados ao divino Prometeu
e a seus irmãos; todos os habitantes
das regiões mais próximas de nós
na santa Ásia, desesperados
com teus gemidos repletos de angústia,
mesmo sendo mortais sofrem contigo;
sofrem com eles as filhas da Cólquida,[20]
combatentes intrépidas, famosas,
e as bordas da interminável Cítia,
que ocupam os confins de nosso mundo,
em volta do Meótis estagnado;
e a floração guerreira lá da Arábia,
povo abrigado em suas cidadelas
construídas nos montes escarpados,
nas vizinhanças do remoto Cáucaso,
onde as populações mais belicosas
agitam sem cessar lanças agudas.

Vimos outro titã — Atlas divino —
preso por adamantinos grilhões;
dobrado sob o peso do alto céu,
ele geme ensurdecedoramente.[21]
Como um longo lamento retumbante,
caem nos mares vagas sobre vagas;
os abismos ululam; as entranhas
do tenebroso Hades subterrâneo
respondem com estrondos sucessivos
e as ondas dos rios de águas sagradas[22]
sussurram suas quedas dolorosas.

PROMETEU

Depois de um longo silêncio.

Não se deve conjecturar que meu silêncio
decorre de arrogância ou de maus sentimentos;
mas uma ideia me atravessa o coração
quando sou ultrajado de maneira ignóbil:
quem concedeu, então, a esses deuses novos
todos os privilégios recém-outorgados?
Calo-me quanto a isto, porém já sabeis
o que eu poderia dizer-vos novamente.
Falar-vos-ei agora das misérias todas
dos sofridos mortais e em que circunstâncias
fiz das crianças que eles eram seres lúcidos,
dotados de razão, capazes de pensar.
Farei o meu relato, não para humilhar
os seres indefesos chamados humanos,
mas para vos mostrar a bondade infinita
de que são testemunhas numerosas dádivas.
Em seus primórdios tinham olhos mas não viam,

tinham os seus ouvidos mas não escutavam,
e como imagens dessas que vemos em sonhos
viviam ao acaso em plena confusão.
Eles desconheciam as casas benfeitas
com tijolos endurecidos pelo sol,
e não tinham noção do uso da madeira;
como formigas ágeis levavam a vida
no fundo de cavernas onde a luz do sol
jamais chegava, e não faziam distinção
entre o inverno e a florida primavera
e o verão fértil; não usavam a razão
em circunstância alguma até há pouco tempo,
quando lhes ensinei a básica ciência
da elevação e do crepúsculo dos astros.
Depois chegou a vez da ciência dos números,
de todas a mais importante, que criei
para seu benefício, e continuando,
a da reunião das letras, a memória
de todos os conhecimentos nesta vida,
labor do qual decorrem as diversas artes.
Fui também o primeiro a subjugar um dia
as bestas dóceis aos arreios e aos senhores,
para livrar os homens dos trabalhos árduos;
em seguida atrelei aos carros os cavalos
submissos desde então às rédeas, ornamento
da opulência. Eu mesmo, e mais ninguém,
inventei os veículos de asas de pano
que permitem aos nautas percorrer os mares.
E o infeliz autor de tantas descobertas
para os frágeis mortais não conhece um segredo

capaz de livrá-lo da desgraça presente!

CORIFEU

Estás sofrendo um infortúnio degradante;
o teu espírito abatido se alucina
e como um médico carente de saber
que um dia adoece, já perdeste o ânimo
e não consegues descobrir para ti mesmo
a droga capaz de curar tua doença.

PROMETEU

Será inda maior o vosso pasmo, amigas,
quando ouvirdes o resto, os recursos, as artes
que imaginei. O mais importante de tudo:
não existiam remédios para os doentes,
nem alimentos adequados, nem os bálsamos,
nem as poções para ingerir, e finalmente,
por falta de medicamentos vinha a morte,
até o dia em que mostrei às criaturas
maneiras de fazer misturas salutares
capazes de afastar inúmeras doenças.
Também apresentei-lhes as diversas formas
da arte hoje chamada de divinatória.
Fui ainda o primeiro a distinguir os sonhos
que depois de passada a noite e vindo o dia
se realizam, e lhes expliquei os sons
repletos de presságios envoltos em trevas
e a significação dos caminhos cruzados.
Esclareci as muitas mensagens contidas
nos voos de aves de rapina — as favoráveis
e as agourentas — e os costumes delas todas,

o ódio entre elas, suas afeições
e suas aproximações no mesmo galho;
interpretei também o aspecto das entranhas,
os tons que elas devem ter para agradarem
aos deuses a quem se costuma dedicá-las,
a superfície cambiante da vesícula
e do lóbulo hepático. Inda ensinei
a queimar os membros das vítimas votivas
envoltos em gordura e às vezes as vértebras,
para guiar os homens na arte sombria
de todos os presságios, e esclareci
os sinais emitidos pelas chamas lépidas,
até então cobertos pela obscuridade.[23]
Eis minha obra. Até os tesouros da terra,
desconhecidos pelos homens — cobre, ferro,
além de prata e ouro — quem lhes revelou
antes de mim? Ninguém, eu sei perfeitamente,
a menos que algum tolo queira gloriar-se.
Para ser breve, digo-vos em conclusão:
os homens devem-me todas as suas artes.

CORIFEU

Não vás, para favorecer a humanidade
além da conta, ser infeliz para sempre!
Tenho fundadas esperanças de que um dia,
livre destes grilhões, possas participar
do convívio com Zeus em condições iguais.

PROMETEU

Ainda não chegou a hora prefixada
pelas Parcas para a reconciliação;

somente após haver sofrido neste ermo
milhares de dores pungentes e outras tantas
calamidades, livro-me destas correntes.
O Destino supera minhas aptidões.

CORIFEU

E por quem o destino é governado? Dize!

PROMETEU

Pelas três Parcas e também pelas três Fúrias,[24]
cuja memória jamais esquece os erros.

CORIFEU

Os poderes de Zeus, então, cedem aos delas?

PROMETEU

Nem ele mesmo pode fugir ao Destino.

CORIFEU

O destino de Zeus não é ser sempre o rei?

PROMETEU

Não me interrogues quanto a isto; não insistas.

CORIFEU

Então encobres este segredo divino?

PROMETEU

Falemos de outro assunto; ainda não é tempo
de divulgar segredos desta natureza;
eles estão ocultos em trevas espessas.
Mantendo-os irrevelados, algum dia
(ninguém poderá dizer quando), finalmente
livrar-me-ei de meus tormentos infamantes.

CORO

Queiram os céus que nunca o rei do mundo,
que Zeus jamais pretenda hostilizar-nos
com seu poder! Nunca nos esqueçamos
de convidar os majestosos deuses
para os santos banquetes e hecatombes[25]
perto do imenso curso paternal
do Oceano infindo onde moramos;
jamais deixemos livres nossas línguas
para pecarem, e que este princípio
resida eternamente em nossas almas
sem perder sua força em tempo algum!
É doce ver passar toda a existência
com o coração repleto de esperanças
entregues a delícias radiosas.
Mas vendo-te hoje aqui, dilacerado
por milhares de males, nós trememos.
Sem demonstrar temor ao grande Zeus,
tua vontade indócil preocupa-se
demasiadamente com os homens.
Vamos, amigo! Vamos, Prometeu!
Dize-nos logo: em que te favorecem
os teus favores aos pobres mortais?[26]
Onde estão o socorro e o apoio
que eles te trazem? Não consegues ver
essa fragilidade imponderável
presente às vezes em sonhos obscuros,
que tolhe os pés da cega raça humana?
Nunca a vontade dos homens efêmeros
violará a ordem prefixada

pela vontade de Zeus soberano.
Aprende isto olhando a tua ruína,
mísero Prometeu! Com este coro
outro bem diferente está pairando
agora mesmo junto a nós aqui:
o canto de himeneu que entoávamos
outrora em volta do banho e da alcova
de tuas bodas, no momento em que,
sensível aos presentes recebidos,
Ilesione, nossa irmã querida,
subiu contigo ao leito nupcial.

Entra Io, em cuja fronte aparecem chifres de novilha.

IO

Que terra é esta? Quem são estas moças?
Quem vejo, castigado por tormentas,
agrilhoado assim a uma rocha?
Que crime expias quase morto aqui?
Revela-me a que parte deste mundo
— ai, infeliz de mim! — meus erros trazem-me.

Io recua aterrorizada.

Ai! O moscardo tornou a picar-me
— pobre de mim! É o espectro de Argos[27]
filho da Terra! Ai! Quanta desgraça!
Afasta-o de mim, Mãe-Terra! Espanto-me
vendo o pastor com seus olhos sem conta!
Ei-lo avançando com seu olhar pérfido!
Embora morto, a Terra, sua mãe,
não quer abrir seu seio generoso
para ocultá-lo. Ele sai novamente
das profundezas infernais, das trevas,

para picar esta infeliz que sou,
para forçar-me a caminhar, faminta,
pelas areias onde o mar termina!

Io começa a correr em todas as direções, como se estivesse fugindo de Argos, que somente ela vê, e prossegue agitada.

Marcando bem o ritmo de meus passos,
a cana harmoniosa[28] com bocal
feito de cera entoa sem parar
uma canção insípida, monótona.
Ai! Ai de mim! Para onde me levam
os meus antigos erros? Mas, qual foi
a falta que eu teria cometido,
filho de Cronos,[29] para me atrelares
a tantos sofrimentos — ai de mim! —
e para extenuar desta maneira
uma triste demente neste espanto
que a segue como se fosse um moscardo?
Queima-me com teus raios e relâmpagos,
oculta-me no âmago da terra,
dá-me aos monstros do mar como alimento!
Ouve, senhor! Atende à minha súplica!
Esta longa viagem sem destino
já me esgotou suficientemente
e não sei onde aprender a maneira
de me livrar de meus terríveis males!
Escutas as lamentações, ou não,
da virgem que tem chifres de novilha?

PROMETEU

Como não te ouviria eu, pobre mulher
que rodopias sem descanso perseguida

por um moscardo, tu, filha infeliz de Ínaco,
que há pouco tempo acalentavas com amor
o coração de Zeus, e agora, atormentada
pelo rancor de Hera, és sempre constrangida
a percorrer assim estes longos caminhos
que te estão conduzindo ao aniquilamento?

IO

Onde aprendeste o nome recém-dito,
o nome de meu pai? Responde logo
a esta desgraçada: quem és tu,
infortunado, para receber
a verdadeiramente infortunada,
para falar do mal vindo dos deuses,
que me atormenta e me fustiga sempre
com o aguilhão nesta loucura errática?
Ai! Ai de mim! Chego em saltos frenéticos,
impelida por fome torturante,
vítima da vingança insaciável
de Hera. Quem, entre os mais castigados,
enfrenta desventuras comparáveis
— ai, infeliz de mim! — às minhas próprias?
Vamos! Revela-me sem subterfúgios
os novos sofrimentos que me esperam!
Existe algum remédio, uma saída
para minhas torturas? Se os conheces,
dize sinceramente quais são eles!
Fala e instrui esta virgem errante!

PROMETEU

Satisfarei o teu desejo abertamente,

com a máxima franqueza, sem quaisquer enigmas,
abrindo a boca como se deve aos amigos.
À tua frente vês o titã Prometeu,
aquele que deu o fogo aos homens efêmeros.

IO

Ah! Poderoso benfeitor que apareceste
a todos os mortais, infeliz Prometeu!
Por que, se és bom, estás sofrendo tanto assim?

PROMETEU

Há pouco terminei definitivamente
os vãos queixumes sobre meus males enormes.

IO

Ainda me farás o favor esperado?

PROMETEU

Mas, que desejas? Saberás tudo de mim.

IO

Dize-me: quem te pôs neste rochedo íngreme?

PROMETEU

As mãos foram de Hefesto; a vontade, de Zeus.

IO

E de que faltas pagas desta forma o preço?

PROMETEU

Já te disse o bastante para esclarecer-te.

IO

Sim, é verdade, mas explica-me a razão

de minhas correrias sem destino e fim.
Quando virá a hora de livrar-me delas?

PROMETEU

É melhor ignorá-la do que conhecê-la.

IO

Suplico-te com veemência! Não me ocultes
as penas que ainda terei de suportar!

PROMETEU

Concordo; não sou avarento deste dom.

IO

Por que tardas, então, a revelar-me tudo?

PROMETEU

Não se trata de uma recusa por desdém;
receio apenas perturbar o teu espírito.

IO

Não tenhas preocupações demais comigo;
tuas revelações serão bem recebidas.

PROMETEU

Se queres, cumpre-me falar; e tu, escuta-me.

CORIFEU

Ainda não; dá-nos também satisfações;
desejamos primeiro conhecer seus males.
Fale-nos ela mesma de seus sofrimentos
intermináveis. Depois poderá saber
as novas provações ainda à sua espera.

PROMETEU

Dirigindo-se a Io.

Deves mostrar docilidade e complacência
em relação a elas, entre outras razões
por serem irmãs de teu pai. Chorar, gemer
sobre seus males, quando se deve arrancar
sentidas lágrimas de quem nos vai ouvir,
merece plenamente o tempo consumido.

IO

De modo algum eu poderia recusar-me.
Ireis ouvir em uma exposição fiel
tudo que me pedistes. Mas ainda hesito,
envergonhada, em vos dizer sinceramente
de onde veio a tormenta armada pelos deuses
que, destruindo minha forma exterior,
desabou sobre mim — como sou infeliz!
Visões noturnas incessantes visitavam
meus aposentos virginais e com palavras
insinuantes davam-me estes conselhos:
"Por que insistes tanto, infortunada moça,
em preservar a virgindade quando podes
ter o mais poderoso e maior dos esposos?
As flechas ígneas dos anseios por ti
feriram Zeus; ele deseja ardentemente
gozar contigo os prazeres oferecidos
pela sagrada Cípris;[30] não penses, criança,
em mostrar-te indisposta à união com Zeus;
muito ao contrário, parte logo para Lerna[31]
e seus campos cobertos de tapetes de ervas,

para as pastagens de carneiros e de bois,
paternos bens, livrando assim o olhar de Zeus
de seus desejos!" Estes sonhos me premiam
todas as noites — ai de mim! —, até o dia
em que ousei revelar a meu nobre pai
os sonhos que sempre visitavam meu sono.
Então ele mandou a Dodona e a Pito[32]
frequentes mensageiros seus com a missão
de interrogar os céus e saber afinal
o que ele deveria dizer ou fazer
para ser agradável aos augustos deuses.
Mas eles regressavam trazendo-lhe apenas
oráculos ambíguos com obscuras fórmulas
difíceis de concatenar e de entender.
Depois de muito tempo Ínaco recebeu
uma resposta inteligível, que o instava
a me expulsar de minha casa e minha pátria,
como se eu fosse um animal votado aos deuses,
livre para vagar até o fim do mundo,
se não quisesse ver um raio cintilante,
solto das mãos de Zeus, pôr fim à nossa raça.
Dócil aos vaticínios vindos de Loxias,[33]
meu pai baniu-me e fechou para todo o sempre
as portas do palácio à sua filha — a mim! —,
embora nem eu mesma nem ele quiséssemos
(as rédeas de Zeus forçavam-no a agir
contra sua vontade). Imediatamente
minha razão e minhas formas se alteraram.
Nasceram longos chifres em minha cabeça
como vós mesmas podeis ver, e atormentada

por um moscardo de longo ferrão agudo,
num salto tresloucado fui em direção
às águas doces das nascentes lá de Cercne[34]
e à fonte célebre de Lerna. Um pastor,
cujo humor amargo nada amenizava,
acompanhava-me sem nunca descansar,
seguindo com seus muitos olhos penetrantes
cada passo que eu dava. Um dia a morte alerta
privou-o repentinamente da existência,
e agora eu, alucinada a cada instante
pelas picadas do moscardo, corro sempre,
atormentada por esse aguilhão divino,
banida de todas as terras a que chego.
Ficastes conhecendo as minhas desventuras.
Tu, Prometeu, se podes, dize por favor:
que sofrimentos inda me serão impostos?
Relata-os e não tentes, por piedade,
reanimar-me com palavras inverídicas.
Não pode haver no mundo mal mais repugnante
que uma linguagem recoberta pelo engano.

CORO

Jamais atinjam-nos tais males! Basta!
Nunca pensamos, Io infeliz,
que tão estranhas narrações pudessem
chegar um dia até nossos ouvidos
— espanto, horrores, tantos infortúnios
cruéis de ouvir e cruéis de sofrer,
um aguilhão de fina ponta dupla
diante do qual nossos corações
estão gelados! Ah! O teu destino!

Trememos vendo a tua desventura!

PROMETEU

Não demorastes a gemer e vos domina
o terror súbito, mas tendes de esperar
até saber o resto dos males de Io.

CORIFEU

Então deves falar; acaba a descrição.
Os enfermos talvez prefiram conhecer
seus males claramente e com antecedência.

PROMETEU

Vosso pedido inicial foi atendido
sem sacrifício meu; agora desejais
— tenho certeza — ouvir de mim os outros males
e os sofrimentos que terá de suportar
esta jovem mortal por vontade de Hera.
E tu, Io, sangue de Ínaco, retém
minhas palavras em teu triste coração
se queres conhecer o fim de teu caminho.
Partindo deste chão, caminha a princípio
em direção ao sol nascente e vai avante
pelas longas planuras jamais cultivadas,
até o dia em que chegares afinal
aos citas nômades;[35] eles levam a vida
em moradas de vime muito bem trançado
sobre suas carroças de rodas benfeitas,
tendo sempre nos ombros arcos poderosos.
Evita-os e fica longe dos penhascos
onde soluça o mar quando chegares lá.
À tua mão direita verás os Calibos,[36]

hábeis artífices do ferro; tem cuidado
com esse povo avesso à civilização
e hostil aos estrangeiros. Chegarás assim
ao rio Hibristes,[37] cujo nome é verdadeiro;
não penses em cruzá-lo (não seria fácil!);
avança em linha reta e chegarás ao Cáucaso,
a mais elevada de todas as montanhas;
é em suas vertentes que esse rio haure
a fúria de suas águas. Transporás
seus píncaros vizinhos dos distantes astros
para seguir a rota com destino ao sul.
Lá afinal encontrarás o estranho exército
das Amazonas sempre rebeldes aos homens;
elas irão fundar um dia Temisciras,
no Termodon, onde, fazendo frente ao mar,
poderás ver de perto a longa cordilheira[38]
do Salmidesso;[39] seus nativos numerosos
são bárbaros ainda hostis aos marinheiros
e se comprazem na destruição das naus.
Guiar-te-ão as Amazonas como amigas;
atingirás assim nos estreitos umbrais
do lago em cujas margens elas se reúnem
o istmo da Crimeia; com o coração
cheio de intrepidez, para continuar
terás de atravessar o estreito Meótico.[40]
E será sempre relembrada entre os mortais
a história gloriosa de tua passagem
por aquela terra distante, e a passagem
por onde o mar se escoa ganhará o nome
de estreito da novilha.[41] Fora da Europa,

já pisarás na Ásia, outro continente.

Dirigindo-se ao CORO.

Não vos parece, então, que o novo soberano
de tantos deuses mostra em todos os lugares
a sua prepotência em quaisquer circunstâncias?
Ele, que é um deus, impôs este destino errante
a uma indefesa mortal! Ah! Pobre virgem!
Tiveste o mais cruel dos pretendentes, Io,
pois o que acabaste de ouvir — presta atenção! —
não constitui sequer um rápido prelúdio.

IO

Ai! Ai de mim!

PROMETEU

Choras e muges novamente. Que farás
quando escutares teus males inda por vir!

CORIFEU

Restam ainda outras penas a dizer-lhe?

PROMETEU

Melhor falando: um mar revolto de aflições.

IO

Ah! Que proveito me vem de ainda estar viva?
Por que demoro a me precipitar do alto
deste íngreme rochedo? Caindo nas pedras
livrar-me-ei de minhas dores incontáveis!
Antes perder a vida desastradamente
que sofrer lentamente ao longo de meus dias!

PROMETEU

Então, penas maiores te consumiriam
se fossem tuas estas minhas provações,
pois meu destino não me concedeu a morte.
Só ela me libertaria de meus males,
mas até Zeus cair de sua onipotência
não antevejo o fim deste cruel suplício!

IO

Poderá Zeus um dia cair de seu trono?

PROMETEU

Seria indizível a tua ventura
se ainda visses esse evento — penso eu.

IO

Não tenhas dúvida, pois Zeus é responsável
por todas estas aflições que estou sofrendo.

PROMETEU

Fica sabendo: sua queda ocorrerá.

IO

E quem lhe tirará o cetro de tirano?

PROMETEU

O próprio Zeus o perderá por vaidade.

IO

De que maneira? Dize-me, se for possível
sem outros inconvenientes para ti.

PROMETEU

Ele se casará, mas há de arrepender-se.

IO

Bodas divinas ou mortais? Fala, se podes.

PROMETEU

Por que perguntas? Não é lícito dizer.

IO

Sua própria mulher o expulsará do trono?

PROMETEU

Parindo um filho inda mais forte que seu pai.

IO

Não há recursos para mudar o destino?

PROMETEU

Nenhum senão Prometeu livre de grilhões.

IO

E quem te livrará para agir contra Zeus?

PROMETEU

Um de teus descendentes será capaz disto.

IO

Mas, como, amigo? Um filho nascido de mim
um dia te libertará de teu suplício?

PROMETEU

Três gerações seguintes às primeiras dez.

IO

Não é fácil compreender teu vaticínio.

PROMETEU

Não queiras conhecer melhor teus infortúnios.

IO

Não deves acenar com doces esperanças
para logo depois mudar e desdizê-las.

PROMETEU

Oferecer-te-ei um entre dois presentes.

IO

Mas, que presentes? Antes deixa-me admirá-los
e depois dá-me a regalia de escolher.

PROMETEU

Ei-los; escolhe, então, o teu: devo dizer-te
exatamente o resto de teus muitos males,
ou quem será um dia o meu libertador?

CORIFEU

Concede-lhe uma destas graças; a segunda
é minha; não desdenhes os nossos pedidos.
Revela a Io a sequência ininterrupta
de suas caminhadas sem pausa e sem fim.
A mim, dize quem será teu libertador;
eis aí meu desejo nestas circunstâncias.

PROMETEU

Se é este, de fato, o teu desejo ardente,
não poderei negar-me agora a atender-te.
A ti, Io, direi primeiro as peripécias
desta tua corrida delirante e sem destino.
Inscreve-as nas plaquetas[42] de tua memória,
sempre fiéis. Depois de transpor o estreito

que separa dois continentes, põe-te em marcha
para o levante, onde os passos do sol fulguram[43]
… vencendo os estrondos do mar até o momento
de ver a planura gorgônea[44] de Cistenes,
refúgio das Forcides, três virgens antigas
cujos corpos são semelhantes aos dos cisnes;
as três têm para todas apenas um olho
e um dente, e nunca foram vistas pelo sol
e nem pela lua crescente. Perto delas
estão as três irmãs aladas, ostentando
seus mantos de serpentes, Gôrgonas horríveis,
terror de todos os mortais, que ninguém pode
olhar de frente sem morrer na mesma hora.
É esta a advertência que faço primeiro.
Mas além destes deves conhecer ainda
outro portento também muito perigoso:
tem o maior cuidado com os cães de Zeus
e com seus bicos aguçados; são os grifos.[45]
Resguarda-te igualmente do bando montado
dos arimaspos, criaturas de olho único,
habitantes das margens de um famoso rio
— o Plúton — repletas de ouro. Tem cuidado!
Se não te aproximares deles chegarás
a uma região remota onde vive
um povo negro perto das águas do Sol,
nas terras percorridas pelo rio Etíope.
Deves seguir por suas margens escarpadas
até o instante em que chegares à Descida,
lugar onde do alto dos montes de Biblos,
o Nilo aflui com suas águas sacrossantas

e salutares. Ele te conduzirá
à região onde o destino inexorável
quer que seja fundada por ti mesma, Io,
uma colônia naquele país remoto.
Se te parece duvidoso algum detalhe,
fala, para saberes com mais precisão.
Disponho neste ermo de tempo bastante,
muito mais do que eu mesmo quereria ter.

CORIFEU

Se fores revelar-lhe ainda fatos novos
ou esquecidos desse percurso erradio,
dize-os logo, Prometeu; se terminaste,
concede-nos a graça que já te pedimos.
Chegou a nossa vez (sem dúvida te lembras).

PROMETEU

Ela conhece agora o fim de sua marcha;
para saber que não ouviu palavras vãs
de minha boca, meu desejo é mencionar
os males que ela suportou até agora;
falando assim, espero estar oferecendo
a garantia de uma narração verídica.

Dirigindo-se a Io.

Deixo de lado grande número de fatos
para te revelar os teus males futuros.
Também irás às terras planas dos Molossos
e às culminâncias de Dodona, onde ficam
o oráculo do grande Zeus da Tesprotia
e o seu assento e o prodígio inconcebível
dos carvalhos falantes, que em palavras claras

e sem enigmas, te aclamaram como aquela
que deveria ser a esposa gloriosa
de Zeus onipotente (nada em tudo isso
é agradável à tua memória, Io?).
Picada uma vez mais pelo cruel moscardo,
correste sem parar pela via costeira
em direção ao imenso golfo de Rea[46]
de onde a tormenta que te envolve dirigiu
até este lugar tua corrida errática.
Mas pelos muitos séculos inda por vir
esse mar confinado passará a ser
— fica sabendo exatamente — o golfo Iônio,
e seu nome relembrará a todo o mundo
tua passagem por aquela região.
Aí está a prova de que meu espírito
percebe muito mais do que as coisas presentes.

Dirigindo-se ao CORO.

Dedicarei o resto de minhas palavras
a vós e a ela, voltando sobre as pegadas
de minhas narrativas já por vós ouvidas.
Existe uma cidade chamada Canopo
na extremidade norte do país egípcio,
na própria foz do Nilo e num aluvião.
Lá, Zeus devolverá enfim tua razão,
pondo sobre teu corpo suas mãos calmantes
pelo simples contato. E para relembrar
as circunstâncias em que Zeus o trouxe ao mundo,
o filho que terás será o negro Épafo;[47]
ele há de cultivar a região inteira
banhada pelo caudaloso rio Nilo.

Depois de cinco gerações, cinquenta virgens
— descendência de Épafo — aportarão
à revelia delas em Argos antiga
para escapar ao casamento com parentes
(seus primos). Desvairados por desejo intenso,
iguais a gaviões ameaçando pombas
eles virão logo também, como se fossem
sôfregos caçadores em perseguição
a núpcias proibidas.[48] Mas o céu atento
não lhes entregará as presas cobiçadas,
nem a terra dos pêlasgos;[49] muito ao contrário,
vai sepultá-los, derrotados pela Morte
com feições femininas, cuja enorme audácia
vela durante a longa noite. Cada esposa
há de tirar a vida de cada marido
e nele tingirá de sangue o punhal fino.
Que tais amores caibam a meus inimigos!
Apenas uma,[50] inteiramente inebriada
pelo desejo de ser mãe, não quererá
matar no leito nupcial o companheiro,
pois a sua vontade se comoverá.
Ela preferirá entre dois grandes males
que a chamem de covarde, e nunca de assassina,
criando em Argos uma linhagem real.
E basta. Para ser mais claro e mais completo
seria necessária longa narração.

Dirigindo-se a Io.

Um detalhe, entretanto, deverás ouvir:
da nobre estirpe oriunda de teu leito
um dia nascerá o herói[51] que vergará

seu arco glorioso para me livrar,
com o passar do tempo, destes sofrimentos.
É este o vaticínio que me revelou
minha mãe, Têmis, irmã dos titãs divinos.
Mas, quando e como ele se realizará?
Expor esses detalhes tomaria tempo,
e tu — coitada! —, embora ficasses sabendo
de tudo desde agora, nada ganharias.

IO

Transtornada.

Ai! Ai! Pobre de mim! Que espasmo súbito,
que acesso delirante já me queima?
O ferrão do moscardo me transtorna
como se fosse um aguilhão de fogo!
Meu coração espavorido salta
no fundo de meu peito sem parar!
Meus olhos rolam convulsivamente.
Lançada para fora do caminho
por um sopro de raiva furiosa,
já não consigo dominar a língua
e mil pensamentos desencontrados
debatem-se desordenadamente
nas vagas de terríveis sofrimentos!

IO sai correndo desvairada.

CORO

Sim, era um sábio, um verdadeiro sábio,
o primeiro dos homens cujo espírito
pensou e cuja língua enunciou
que se consorciar estritamente

de acordo com a sua condição
é realmente o bem maior de todos,
e que jamais se deve ter vontade,
quando se é apenas um artífice,
de unir-se a um parceiro presunçoso
por causa de sua grande riqueza
e inebriado com sua linhagem.
Queiram os céus que nunca nos vejais,
divinas Parcas[52] sem cuja vontade
nada na vida humana se consuma,
ocupando o lugar de esposa um dia
no leito de Zeus todo-poderoso!
Jamais possamos experimentar
o abraço de um esposo divinal!
Trememos quando contemplamos Io,
a virgem sempre rebelde ao amor,
sofrendo sem um momento de paz
por causa da perseguição de Hera.
Somente quem nos oferece núpcias
condizentes com nossa condição
não nos causa temor. Só desejamos
que os grandes deuses não nos façam alvo
de seu olhar do qual ninguém escapa.
A escolha deles é como uma guerra
difícil de enfrentar, que nos promete
apenas desespero, pois nos faltam
as mínimas condições de defesa.
A vontade de Zeus é irresistível.

PROMETEU

Depois de longo silêncio.

Minha resposta é esta: há de chegar o dia
em que, malgrado a pertinácia de sua alma,
Zeus passará a ser extremamente humilde,
pois os festejos nupciais já programados
custar-lhe-ão o fim do trono e do poder
com seu inevitável aniquilamento;
será então inteiramente consumada
a maldição de seu pai, Cronos, contra ele.
E nenhum deus além de mim será capaz
de revelar-lhe com total clareza o meio
de conjurar o seu desastre e perdição!
Somente eu tenho a ciência do porvir
e o poder de evitar sua consumação.
Depois, se ele quiser, troveje sem parar
fiando-se no estrondo que satura os ares,
agitando nas mãos o dardo afogueado;
nenhum socorro o impedirá de despenhar-se
ignobilmente numa queda inevitável,
tão formidável há de ser seu adversário
que a esta hora já começa a preparar-se,
prodigioso ser com quem a luta é árdua,
descobridor de um fogo muito mais potente
que os raios dele e de um estrondo colossal,
capaz de sobrepor-se até ao seu trovão
(diante dele o próprio flagelo marinho
que abala a terra — sim, refiro-me ao tridente,
arma de Poseidon — voará em pedaços).
No dia em que afinal for atingido o alvo
e tiver fim a minha longa provação,
Zeus ficará sabendo qual é a distância

imensurável entre reinar e servir!

CORIFEU

Queres fazer de teus desejos, Prometeu,
oráculos inexoráveis contra Zeus?

PROMETEU

Digo o futuro e também digo o meu desejo.

CORIFEU

Inda devemos esperar para ver Zeus
prestando obediência às ordens de um senhor.

PROMETEU

E seus ombros recurvos suportando penas
mil vezes mais pesadas do que estas minhas.

CORIFEU

Não tens receios de dizer estas palavras?

PROMETEU

Que temeria quem não poderá morrer?

CORIFEU

E se ele te impuser suplícios mais cruéis?

PROMETEU

Imponha-os! Espero tudo contra mim.

CORIFEU

É sábio quem se curva diante de Adrásteia.[53]

PROMETEU

Bajula, adora o dono do poder! Implora!
A minha preocupação com Zeus é nula.

Que ele aja e reine como lhe aprouver
durante este curto período restante.
Sobra-lhe pouco tempo como rei dos deuses.

Vendo aproximar-se HERMES.

Meus olhos veem o mensageiro de Zeus,
o servo do novo tirano. Com certeza
ele aparece para nos trazer notícias.

Impelido por suas sandálias aladas, HERMES *pousa junto a* PROMETEU.

HERMES

Tu, o maior sofista, o mais impertinente
entre os impertinentes, ofensor dos deuses,
ladrão do fogo, escuta! Meu pai te dá ordens
para dizer-me agora: que bodas são essas,
transformadas por ti num medonho espantalho?
Por quem ele deverá ser precipitado
da altura máxima de seu poder imenso
até as últimas profundezas da terra?
Não tentes recorrer a enigmas desta vez!
Chama cada uma das coisas por seu nome
e não me imponhas uma segunda viagem!
Não é esta a maneira de agradar a Zeus!

PROMETEU

Há singular grandiloquência em teu discurso
e falaste num tom repleto de arrogância,
digna do moço de recados do deus máximo.
Sendo ambos jovens, exerceis um poder jovem,
e vos parece que morais num baluarte
inacessível a todas as desventuras.
Mas eu mesmo já vi dois tiranos expulsos[54]

de seu trono divino, e estes olhos meus
verão o terceiro dos reis, senhor de hoje,
também deposto em circunstâncias degradantes
quando ele menos esperar. Eis a verdade.
Pareço-te medroso e prestes a tombar
covardemente diante dos jovens deuses?
Muito ao contrário, estou longe desse fim.
Retorna, então; percorre com igual presteza
a mesma rota por onde chegaste aqui,
sem ter achado o que vieste procurar!

HERMES

Tuas maneiras imutáveis e inflexíveis
trouxeram-te a este ancoradouro de dores.

PROMETEU

Fica sabendo ainda: nunca eu trocaria
minha desdita pela tua submissão.
Acho melhor ficar preso a este rochedo
que me ver transformado em fiel mensageiro
de Zeus, senhor dos deuses! Assim mostrarei
aos orgulhosos quão vazio é seu orgulho!

HERMES

Ufanas-te da sorte a que fizeste jus.

PROMETEU

Ufano-me! Ah! Se me fosse dado ver
meus inimigos sendo ufanos deste modo
— e te ponho entre eles como um dos maiores!

HERMES

Acusas-me também por tuas desventuras?

PROMETEU

Sou franco; odeio os deuses novos; eles devem-me
grandes favores e por causa deles sofro
um tratamento degradante e imerecido.

HERMES

Vejo-te delirante; estás muito doente.

PROMETEU

Doente? Admito, sim, se for indispensável
adoecer para odiar os inimigos.

HERMES

Se tivesses vencido serias cruel.

PROMETEU

Ai! Ai de mim!

HERMES

Zeus desconhece desabafos como o teu.

PROMETEU

O tempo nos ensina enquanto vai passando.

HERMES

Mas inda não sabes mostrar-te razoável.

PROMETEU

Já sei, pois falo com um moço de recados.

HERMES

Nada pretendes revelar-me, creio eu,
do que meu pai deseja ter conhecimento.

PROMETEU

Crês que lhe devo muito para ser-lhe grato?

HERMES

Pareces gracejar comigo em tuas falas
como se eu fosse ainda uma tenra criança.

PROMETEU

Não és uma criança ainda mais ingênua
que qualquer delas se tens alguma esperança
de ouvir de mim respostas às perguntas dele?
Não há ultraje nem astúcia pelos quais
Zeus possa convencer-me ainda a revelar
o que ele quer saber, antes de me livrar
destes grilhões adamantinos humilhantes!
Já que ele quis assim, deixe sobre meu corpo
as labaredas deste sol destruidor!
Confunda Zeus o universo e o transtorne
cobrindo-o todo com a neve de asas brancas
ao som de trovões e de estrondos subterrâneos!
Nada, força nenhuma pode constranger-me
a revelar-lhe o nome de quem deverá
destituí-lo de seus poderes tirânicos!

HERMES

Achas que esta linguagem serve à tua causa?

PROMETEU

A decisão já foi tomada há muito tempo.

HERMES

Digna-te, tresloucado, digna-te afinal

de raciocinar com mais acuidade,
agora que te esmagam estes sofrimentos!

PROMETEU

Fatigas-me desperdiçando teu esforço
como se pretendesse dar lições às ondas.
Não tenhas, mensageiro, a impressão de que,
desatinado com a decisão de Zeus,
eu me comportarei como se possuísse
coração de mulher e, querendo imitar
maneiras femininas, irei suplicar,
juntando as mãos, àquele deus que mais detesto,
para livrar-me destes grilhões infamantes.
Estou longe demais de uma atitude dessas!

HERMES

Em minha opinião, insistir em falar
seria uma longa conversa sobre nada.
Nem por momentos te comovem ou te afetam
minhas claras exortações; muito ao contrário,
mordendo o freio, como se fosses um potro
noviço à sela, resistes fogosamente
à imposição das rédeas. Mas teu rancor
apoia-se na tua astúcia impotente.
Nas criaturas que raciocinam mal
a cega obstinação pode menos que nada.
Pondera, então, se não consigo convencer-te:
um turbilhão, um vagalhão cheio de males
te envolverá — coitado! — inexoravelmente!
Virá agora o cão alado, a águia fulva
que segue Zeus — conviva sem ser convidado,

presente o dia inteiro ao tentador banquete —,
e rasgará teu corpo todo ferozmente,
fazendo dele uma enorme posta de carne
e se fartando na iguaria de teu fígado!
Não esperes um fim para a tua tortura,
a menos que apareça por aqui um deus
disposto a te substituir no sacrifício,
e se ofereça a ir ao Hades, onde nunca
penetra a luz, e ao Tártaro, profundo abismo.
Então questiona-te; já não se trata agora
de um simples espantalho, mas sim de palavras
pronunciadas com a máxima clareza.
Não mentem os lábios de Zeus onipotente,
quando ele quer transformar em realidade
tudo que diz. Deves olhar em tua volta;
medita sem imaginar que a teimosia
pode ter o valor da reflexão sensata.

CORIFEU

Em minha opinião não faltam bons propósitos
à linguagem de Hermes; isto é evidente.
Ele te exorta a abandonar a obstinação
e a interrogar somente a reflexão sensata.
Concorda! Para o sábio o erro é humilhante!

PROMETEU

Novamente agitado.

Eu já sabia da mensagem dele
para me inquietar, mas ser tratado
como inimigo pelos inimigos
não pode ser considerado infâmia.

Que a trança de fogo com dupla ponta[55]
seja lançada contra mim! Que o éter
seja logo abalado pelos raios
e pela fúria desenfreada
dos ventos indomáveis! Que seu sopro,
fazendo a própria terra estremecer,
venha arrancá-la com raiz e tudo
de seus nunca abalados fundamentos!
Que a agitação dos mares com seu fluxo
impetuoso e ululante apague
no firmamento as rotas onde cruzam-se
os caminhos dos astros! Que depois,
num ímpeto final, lance-me Zeus
no tenebroso Tártaro profundo,
nos turbilhões da rude compulsão!
Só tenho uma certeza: ele não pode,
embora queira, infligir-me a morte!

HERMES

Aí estão, em suma, os pensamentos
e o modo de expressar-se dos dementes.
Inda faltam sintomas do delírio
nessas imprecações? E por acaso
ele tentou moderar a loucura?

Dirigindo-se ao CORO.

Tende cuidado, vós, Oceanides,
que vos compadeceis de sua sorte!
Afastai-vos depressa deste ermo
se não quiserdes que o fulgor fugaz
de um raio implacável vos atinja!

CORO

Dirigindo-se a HERMES.

Adota outra linguagem e enuncia
opiniões que possam convencer-nos.
Em tua falação torrencial
acabas de dizer certas palavras
intoleráveis; tentas incitar-nos
a cultivar agora a covardia?
De modo algum! Sofreremos com ele!
Sabemos odiar a traição;
detestamos também este defeito!

HERMES

Sede prudentes! Não vos esqueçais
de minhas predições, e uma vez presas
do infortúnio, não vos lamenteis
de vossa sorte; não imagineis
que Zeus vos lança em desastre imprevisto.
Deveis dirigir as acusações
contra vós mesmas. Estais advertidas:
não terá sido inopinadamente,
e sem aviso, que sereis colhidas
nas malhas finas, sem qualquer saída,
da rede inevitável do infortúnio,
presas de vossa própria ingenuidade.

Sai HERMES; ouvem-se estrondos subterrâneos.

PROMETEU

Mas, eis os fatos, não simples palavras;
a terra treme, e também repercute
em seus abismos a voz do trovão;

em sinuosidades abrasadas
já resplandece o raio; um ciclone
volteia e forma turbilhões de pó;
os sopros do ar lúcido se lançam
uns contra os outros e se digladiam;
os ventos já estão em plena guerra
o céu já se confunde com o mar.
Eis a rajada que, para espantar-me,
vem decididamente contra mim,
mandada por Zeus todo-poderoso.
Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter
que faz girar ao redor deste mundo
a luz oferecida a todos nós!
Vedes a iniquidade que me atinge?

Entre relâmpagos, trovões e terremotos desaparecem PROMETEU *e as Oceanides do* CORO.

FIM

NOTAS AO *PROMETEU ACORRENTADO*

1. Cítia: região remota e deserta, correspondente à maior parte da atual Rússia na direção do oriente, cujos limites não eram muito bem definidos. De suas montanhas podia-se ver o mar Negro (o antigo Ponto Euxino) e o mar de Azov (antigo Palos Meótis).

2. Hefesto: filho de Zeus (o deus maior dos gregos) e de Hera; deus do fogo e dos instrumentos nele forjados. Veja-se o *Dicionário de mitologia grega e romana*, publicado por Jorge Zahar Editor, para as numerosas alusões mitológicas.

3. "O novo rei" dos deuses é Zeus.

4. *Prometheus* em grego significa "o que pensa antes".

5. Os dez versos seguintes e outras falas ao longo da peça são decassílabos em vez dos dodecassílabos geralmente usados nos diálogos das tragédias, para acentuar as emoções dos personagem.

6. Literalmente "férula".

7. Tétis era filha de Urano (o Céu) e de Gaia ou Gé (a Terra).

8. O Tártaro era a parte mais profunda do Hades (região para onde iam as almas dos piores criminosos).

9. Urano era o deus mais antigo da mitologia grega, pai de Cronos e dos Titãs, um dos quais era Prometeu.

10. O segredo era que Tétis, Nereida filha de Nereu e Dóris, estaria destinada a dar à luz um filho mais forte que seu pai (Zeus). Zeus cortejava-a, e se se casasse com ela seria forçado a ceder a seu filho a arma (os raios) que lhe asseguraria o triunfo, pondo em risco a ordem do mundo. Tétis revelou o segredo ao deus e este, para conjurar o perigo, deu-a em casamento a Peleu, um mortal, com o qual a deusa teve o grande herói Aquiles.

11. A reiteração "doloroso … dores", como muitas outras ao longo da peça, está no original e é mantida na tradução.

12. Urano é o Céu, e Gaia, ou Gé, é a Terra.

13. Veja-se Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, versos 109-201, para o aniquilamento das quatro primeiras raças humanas.

14. Hades, além de ser o nome do inferno, era também o nome do deus soberano das profundezas infernais.

15. Oceano era filho de Urano e de Gaia, e portanto parente de Prometeu.

16. O grifo era um animal fabuloso, com a cabeça e as asas de águia e o corpo de leão. Veja-se Herôdotos, *História*, IV, 13.

17. Na Antiguidade imaginava-se que o oceano era um rio que circundava a Terra.

18. Embora as fontes conhecidas não mencionem, este verso faz pressupor que Oceano

participou da rebeldia de Prometeu diante de Zeus.

19. Estas palavras podem ser consideradas a primeira menção ao que viria ser a psiquiatria.

20. A Cólquida era uma região da Ásia Menor próxima à Europa, e suas "filhas" eram as Amazonas.

21. Os versos 549-552 são considerados espúrios por alguns estudiosos, já que a região onde Atlas sofria seu castigo era muito distante dos outros lugares mencionados.

22. Os "rios de águas sagradas" eram o Aqueronte, o Cócito, o Piriflêgeton e o Estige, situados no Inferno.

23. Todos estes detalhes referem-se a superstições sempre presentes na vida dos gregos antigos.

24. As Parcas (*Môirai* dos gregos) eram três: Átropos, Clotó e Láquesis; As Fúrias (*Erinyes*), inicialmente numerosas, reduziram-se finalmente a três: Alectó, Megera e Tisifone.

25. À semelhança dos mortais, as divindades secundárias, como as Oceanides, tinham de prestar homenagens aos deuses do Olimpo.

26. A repetição "favoreceu … favores" está no original,

27. Argos era descendente de Zeus; seu corpo era cheio de olhos, e Hera, mulher de Zeus, incumbiu-o de vigiar Io, transformada por ele em novilha. Zeus, querendo possuir Io, mandou Hermes matar Argos e libertá-la. Argos teria sido metamorfoseado no moscardo que perseguia implacavelmente a infeliz Io.

28. A "cana harmoniosa" era a síringe (*syrigx*), uma flauta rústica usada por Hermes, o "factótum" de Zeus, para adormecer Argos, o guarda incansável de Io.

29. O "filho de Cronos" é Zeus.

30. Cípris é um dos nomes alternativos de Afrodite, a deusa do amor, para lembrar seu nascimento na ilha de Chipre.

31. Lerna era uma região da Argólida, onde havia um lago no qual morava a monstruosa Hidra.

32. Pito e Dodona: Pito era um dos nomes do oráculo de Apolo em Delfos; em Dodona, cidade do Épiro, havia um antiquíssimo e famoso oráculo de Zeus.

33. Loxias; epíteto de Apolo, significando "oblíquo", alusivo à obscuridade das profecias do deus.

34. Cercne era uma nascente perto do lago de Lerna. O "pastor" de bois era Argos.

35. Citas nômades: os habitantes da Cítia (veja-se a nota 1).

36. Calibos: habitantes antiquíssimos da Ásia Menor, famosos pelos artefatos de ferro que produziam.

37. Hibristes é derivado de *kybris*, violência.

38. Longa cordilheira: no original está “mandíbula”, pois a longa sequência fazia pensar em dentes numa mandíbula.

39. O Salmidesso em um golfo no Ponto Euxino, o atual mar Negro.

40. Estreito Meótico: do lago Meótis, ou Palos Meótis, o atual mar de Azov, ao norte do mar Negro.

41. Estreito da novilha: literalmente Bôsporos, significando “passagem da vaca”, o atual Bósforo.

42. Plaquetas: *dêltoi* em grego, eram lâminas de madeira (geralmente de pinho), usadas na idade heroica para receber a escrita.

43. Aqui há uma lacuna nos manuscritos que preservaram as obras de Ésquilo.

44. Planura Gorgônea: campos onde moravam as monstruosas Górgonas; veja-se nos versos seguintes a descrição desses monstros.

45. Grifos: veja-se a nota 16.

46. O atual mar Adriático.

47. Épafo: É*paphos* em grego significa literalmente “nascido de um simples toque”.

48. Essas peripécias são o assunto das *Suplicantes* de Ésquilo.

49. Terra dos Pêlasgos: os Pêlasgos eram os habitantes mais antigos da Grécia, estabelecidos em Argos.

50. Hipermestra, que poupou o marido Linceu.

51. O “herói” é Heraclés.

52. Veja-se a nota 24.

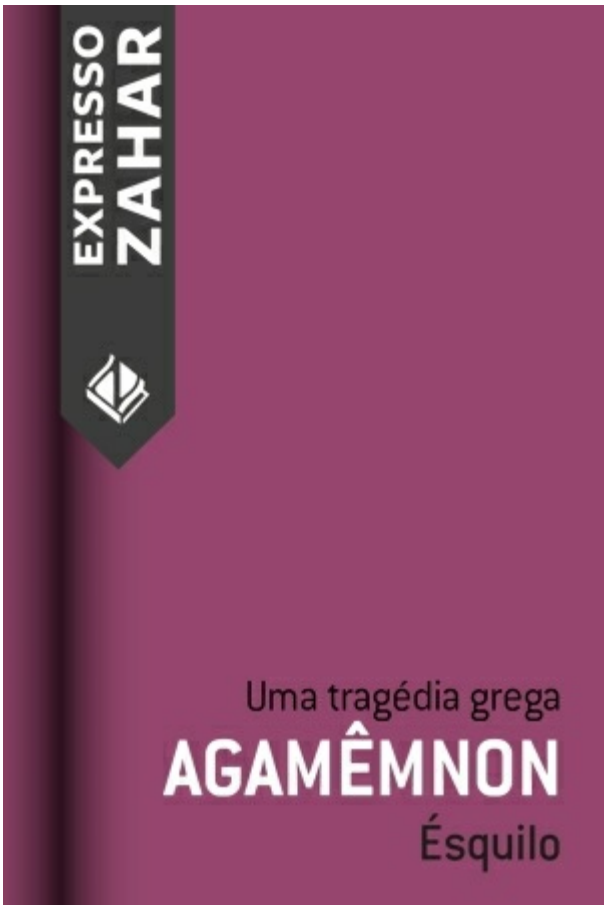
53. Adrásteia: literalmente “a inevitável”, personificação da inexorabilidade da justiça divina, à semelhança de Nêmesis.

54. Urano e Cronos.

55. A “trança de fogo” é o raio de Zeus.

Copyright © 1993, Mário da Gama Kury
Reservados ao tradutor os direitos de representação
teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.
Copyright desta edição © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br
Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)
Capa: Sérgio Campante
ISBN: 978-85-378-0990-7

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
AGAMÊMNON
Ésquilo

Agamêmnon

Ésquilo

9788537809846

73 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Agamêmnon é a primeira peça da trilogia Oréstia. Comandante supremo da expedição dos gregos contra Troia, Agamêmnon quis vingar-se de Páris pelo ultraje infligido a seu irmão Menelau com o rapto de Helena. Mas, para aplacar Ártemis, que se opunha à partida da frota grega, viu-se forçado a sacrificar Ifigênia, sua própria filha, e por isso provocou o rancor de sua mulher, Clitemnestra . Durante a ausência do marido na guerra, sua mulher o traiu e se entregou a Egisto, filho de Tiestes, ansioso para se vingar de Agamêmnon pelas desgraças sofridas por seu pai e seus irmãos. Clitemnestra e Egisto tramaram a morte do chefe grego, e quando este retornou à pátria, após a queda de Troia, foi covardemente assassinado pela esposa adúltera e por seu cúmplice.

Compre agora e leia

EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO REI
Sófocles

Édipo rei

Sófocles

9788537809815

86 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

Compre agora e leia

EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ÉDIPO EM
COLONO
Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles

9788537809822

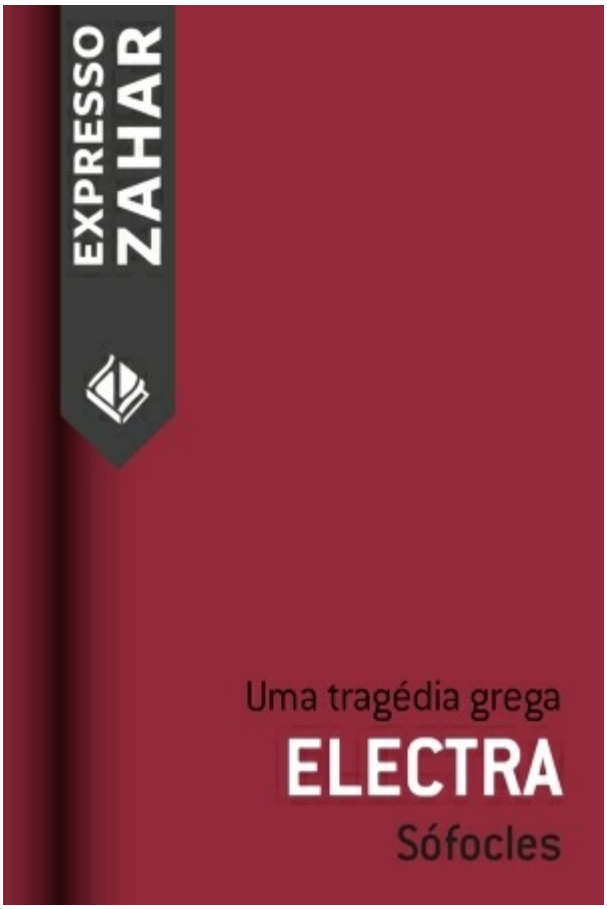
100 páginas

Compre agora e leia

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Uma tragédia grega
ELECTRA
Sófocles

Electra

Sófocles

9788537809884

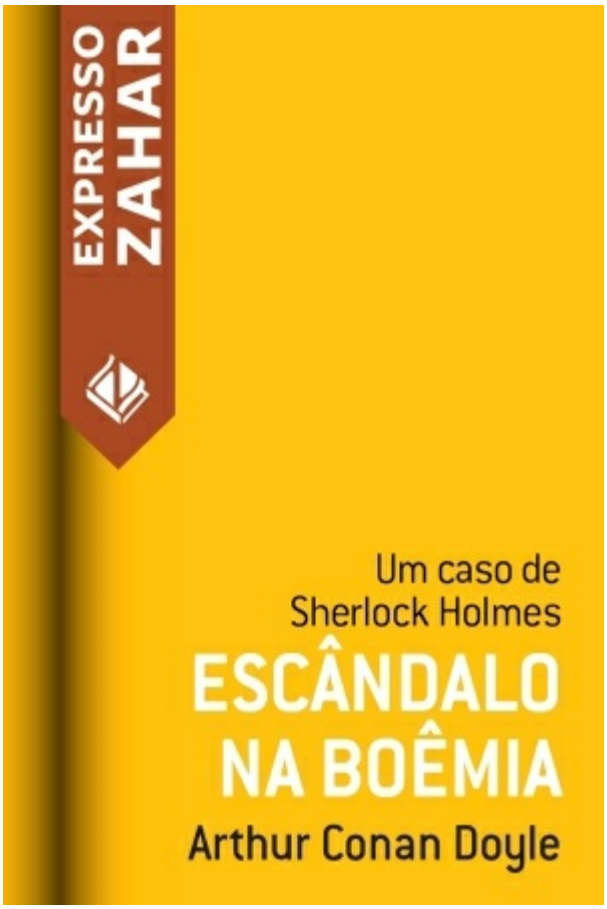
80 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem suceso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

Compre agora e leia


EXPRESSO
ZAHAR
Um caso de
Sherlock Holmes
ESCÂNDALO
NA BOÊMIA
Arthur Conan Doyle

Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur

9788537811627

34 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

Compre agora e leia